

DIÁRIO DE BITITA, DE CAROLINA DE JESUS: AFIRMAÇÃO, RE/AFIRMAÇÃO E VALORIZAÇÃO IDENTITÁRIA NEGRA

Maria Lina da Silva Almeida¹

Resumo: Através da presente pesquisa nos detivemos sobre o livro *Diário de Bitita*, da escritora Carolina Maria de Jesus, cuja publicação ocorreu na França primeiro e, só bem depois, no Brasil. Trata-se de um importante livro que, apesar do merecido destaque fora do país, segue ausente em grande parte das nossas instituições de ensino, apesar de haver uma Lei Federal (a 10.639/03) que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na educação Básica. Carolina costuma ser mais conhecida por seu célebre livro *Quarto de despejo*, cujos espaços sociais delineiam a favela onde ela residia com seus filhos e as ruas da metrópole paulista. Em *Diário de Bitita*, por outro lado, a autora nos leva às suas reminiscências na fase da infância e da adolescência, expressando um olhar crítico diante dos conflitos existenciais e sociais, da discriminação sofrida e dos embates vivenciados em uma sociedade racista e excludente como o Brasil. Iremos, contudo, identificar se o referido livro apresenta aspectos que podem favorecer ressignificação identitária negra. Para tanto, fizemos a pesquisa bibliográfica e nos norteamos em estudiosos do campo da literatura e áreas afins.

Palavras-Chave: Diário de Bitita. Memória. Menina Carolina e Contexto Social.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa diz respeito ao *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus, mulher negra, neta de pessoas escravizadas, doméstica, trabalhadora de roça, catadora de lixo, mãe de três filhos, romancista, poeta, sambista conseguiu vencer

¹ Maria Lina da Silva Almeida, mestranda no curso de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (*Campus II*).

diversos desafios e se consagrar escritora negra brasileira. Estudou somente até a segunda série do primário, mas conseguiu levar o seu nome para as prateleiras das livrarias e as universidades. Falecida em 1977, após cair no anonimato, ela nos deixa de sua trajetória de superação os seguintes livros de sua autoria: *Quarto de Despejo*, *Casa de Alvenaria*, *Pedaço de Fome*, *Diário de Bitita*, *Provérbios*, poesias e peças teatrais. Carolina lutou para vencer a vida, diante de vários obstáculos, a exemplo da fome, doença, violência, o racismo e diversas outras opressões impostas pela sociedade.

No seu último romance, *Diário de Bitita*, pode ser feita reflexão e reflexões acerca das vivências da escritora em meado de 1914, isto é, toda opressão contra aos negros, das desigualdades sociais que esse mesmo povo passava. No romance citado fala não somente das desigualdades sociais, mas também o anseio de Bitita para aprender a ler, escrever e ter uma vida melhor. Ela apresenta em seu livro as formas como os negros eram tratados perante a sociedade, discriminados, violentados, sem moradia, sem direito aos estudos, alimentação, entre outros. Mas e, hoje, um século depois, 1914, período provável que Carolina nasceu como os negros se encontram? Refletindo acerca desse questionamento, muitas coisas mudaram.

Temos negros nas universidades, escritores, médicos, professores, advogados, entre outros. Mas muitas coisas continuam acontecendo, a exemplo, da discriminação, racismo, a fome, preconceito, o desemprego, diversos outros fatores.

A intimidação também permanece nos padrões estéticos eurocêntricos que ostentam a nossa sociedade, moldando, influenciado a negritude se afastar da sua estética e copiar um padrão que não é o seu. Em muitos dos casos como, por exemplo, os cabelos crespos, as mulheres negras são influenciadas relaxar, pranchar para senão elas não conseguem vagas de emprego em determinada empresa.

Não tem jeito, as mulheres pretas são obrigadas a seguirem um padrão estético que não é o seu, seja para encontrar emprego, seja para ser aceita entre amigos, ou até mesmo para arrumar um companheiro, em relação esse último grande maioria dos homens preferem mulheres de cabelos lisos, sobretudo, brancas.

Vale ressaltar que esse padrão eurocentrizado ocorre com Bitita, quando em determinado momento Maria Cândida, dona das terras em que ela, a mãe e seu padrasto trabalham, manda ela se empregar em sua casa, como pagamento do seu trabalho, ela passaria a receber um produto para afinar o nariz, um para alisar o cabelo e outro para ficar branca. Com o passar do tempo, Betita descobre que a sua patroa lhe enganou, então ela decide ficar como sempre foi. Preta.

Em suma, essa vontade de ter os cabelos alisados também parte de mim, pois durante muito tempo relaxei e pranchei os meus cabelos. Queria tê-lo lisos, e para isso fiz diversas torturas contra a mim mesmas, excluindo minha identidade. Depois que comecei os meus estudos na universidade, através da professora Maria Anória de Jesus Oliveira, passei a compreender que mulheres pretas como eu são influenciadas a rejeitarem os seus cabelos, tez e o seu corpo. Com isso, em meado de 2013 assumir os meus cabelos crespos, sei que ele é um dos empecilhos para diversas coisas.

A ênfase principal do livro é a própria Bitita, a protagonista, pois ela mostra as suas inquietações e questionamentos para entender o ser humano, o mundo, a discriminação, a fome, as brigas, as relações amorosas, a violência física, portanto, são esses os principais fatores que lhe levam aos questionamentos.

A AUTORA E AS OBRAS: PARA RE/CONHECER CAROLINA

Diário de Bitita é uma obra de cunho memorialístico, publicado inicialmente na França, 1986, posteriormente no Brasil,

um livro utilizado por muitos pesquisadores graduação, mestrado e doutorado. Trata-se de um livro em 22 capítulos, no qual Carolina Maria de Jesus aborda a dura realidade de seus familiares, outras famílias negras, pardos nas primeiras décadas do século passado, 1914.

Ela também não só nos apresentam as suas miserabilidades, como as de outros negros que enfrentavam no século passado. Ela procura relatar não somente as misérias do ser humano, mas também a sua curiosidade para entender os fatores sociais, como podemos identificar no trecho abaixo:

Eu ouvia dizer que é o homem quem estava com fome. Depois que almoçava achava o mundo belo. Perguntei mamãe o mundo é tão belo assim:

— O mundo é tão bom! Ele é sempre assim?

Não me respondeu. Dirigiu um olhar tão triste, um olhar que me preocupou. Mas insisti.

— Mamãe! Mamãe... fala-me do mundo, o que quer dizer o mundo?

Ela me deu dois tapas, saí correndo e chorando.

Minha tia Clementina disse:

— Você precisa dá um jeito nesta negrinha. Ela vai te deixar louca (JESUS, 2007, p. 27).

O fragmento acima diz respeito à curiosidade de Bitita para compreender o mundo, sendo essa curiosidade parte do momento que ela ouvia dizer que o homem passa a enxergar o mundo belo quando ele não está com fome. Diante disso, ela começa a fazer perguntas à sua mãe, o que quer dizer o mundo, mas a mãe lhe responde através de olhares piedosos, deixando-a mais curiosa. Insistindo para achar as respostas para às suas perguntas, ela recebe dois tapas e sai chorando.

Com o decorrer do tempo ela percebe que os mistérios do mundo vão ser descobertos por ela mesma, isto é, às conversas em família, vizinhos, livros, etc. Logo, afirma: “Quando a minha mãe falava eu me aproximava para ouvi-la” (JESUS, 2007, p. 8).

Conceição Evaristo, no vídeo *Nação TV*, lançado em 2015, afirma que Bitita era uma muito curiosa e tinha uma necessidade de conhecer seu entorno e o mundo. “[...] uma criança muito perguntadeira [...] uma pessoa atenta”, sendo seu aprendizado movido mais pelas curiosidades do que pelas oportunidades.

A relação afetuosa entre a mãe e o avô de Bitita é algo invejável por ela, causando conflitos, carência e indicando a relevância paterna e materna. Reconhece os limites e se resigna diante do que não pode saber:

Eu achava bonito ouvir a minha mãe dizer: — Papai!
E o vovô responde-lhe: — que, é minha filha?
Eu invejava a minha mãe por ter conhecido seu pai e sua mãe.
Várias vezes pensei interrogá-lo para saber quem era meu pai.
Mas faltou-me coragem. Achei que era atrevimento da minha parte. Para mim as pessoas mais importantes eram minha mãe e meu avô (JESUS, 2007, p. 8).

É importante, na citação acima, para além da carência paterna, o amor que Bitita expressa em relação à mãe e o avô, algo relevante para as relações étnicas raciais, pois mostra laços afetivos preservados em uma família negra, algo que era negado em outras produções. Sobre esse mesmo assunto, isto é, afeto familiar, José Carlos Gomes da Silva também discorre em *Memórias da infância e juventude em Carolina Maria de Jesus (1914-1977)*:

[...] A mãe e o avô de Carolina são descritos como as pessoas mais importantes nestes primeiros anos de vida. Nascida em uma família matrifocal, frequente em países que tiveram a economia apoiada no trabalho escravo, os vínculos afetivos, materiais e morais mostram-se sólidos em relação à mãe, Maria Carolina (SILVA, 2007, p. 101).

Ou seja, Bitita mantém um vínculo afetivo entre o seu avô, não somente por falta do pai, nem pelo fato de achá-lo bonito, mas devido à referência positiva que ele representa para ela, contribuindo para a sua formação ao se referir à escravidão, um

assunto muito discutido pelo avô, como explica (SILVA, 2007, p. 105) ao afirmar que as “relações com o avô, Benedito José da Silva, um ex-escravo, um contador de histórias, influenciaram o gosto pela narrativa e a visão positiva das origens africanas”:

No mês de agosto, quando as noites eram mais quentes, nos agrupávamos ao redor do vovô para ouvi-lo contar os horrores da Escravidão. Falava dos Palmares, o famoso quilombo onde os negros procuravam refúgio. O chefe era um negro corajoso de nome Zumbi. Que pretendia libertar os pretos (JESUS, 2007, p. 68-69).

A temática sobre a escravidão surge através das vivências do seu avô, ao rememorar um dos piores crimes praticados contra a humanidade e que ele também foi uma das vítimas. Benedito José da Silva é a primeira referência para a sua neta, á porta central nas discussões étnico-raciais, despertando interesse para o público que o assistia, além disso, na citação acima a estética negra é muito valorizada por Bitita, para quem seu avô era uma pessoa lindíssima:

[...]. Com o decorrer do tempo fui olvidando o vovô, que foi o preto mais bonito que já vi na minha vida. Que lindo nariz! A testa e a boca eram magníficas (JESUS, 2007, p. 148).

Das memórias de Bitita também é possível identificar a valorização da estética negra, no caso, o “nariz” do avô, a sua “testa”, enfim, seus traços, sob a ótica da criança que o via como “o preto mais bonito” que ela viu na “vida”.

Além da beleza, inteligência e afetividade, por outro lado o livro também mostra que os negros eram/são vítimas de racismo, chegando a ser, inclusive, agredidos verbal e fisicamente, passando por constrangimentos, torturas e até as mortes praticadas por policias. Tudo mostrado sob o crítico olhar da menina Bitita, como discorre José Carlos Gomes da Silva:

Mais que um recurso para descrever os indivíduos, o apelo à cor, serve de instrumento para evidenciar uma multiplicidade de

conflitos motivados pela discriminação racial. A relação é extensa, como por exemplo, o caso de um soldado branco que matou impunemente um nordestino negro; a tia mulata que *odiava pretos*; a prisão da mãe por motivos raciais; relações amorosas impedidas em função da cor; insultos racistas, entre outros (SILVA, 2007, p. 106).

Quer dizer, a menina Bitita faz a distinção entre as pessoas, levando em conta a cor da tez devido o Brasil, naquele período de 1914, ver os negros como sujeitos inferiores. Também, por ser um período muito recente à escravidão. Naquele contexto os negros eram referenciados, perseguidos e excluídos da sociedade pelo impacto do racismo.

A mãe é identificada como uma pessoa livre em uma época que a sociedade não atribuía direitos iguais para homens e mulheres, não discorria acerca do poder patriarcal masculino, com tudo isso, a mãe de Bitita assumia a condição de *mulher semi-livre*, não dependendo do ser masculino para o sustento da casa:

Minha mãe era semi-livre. Se uma mulher trabalhava para auxiliar o esposo, o povo falava:

Credo! Onde já se viu uma mulher casada trabalhar! Ela deveria trabalhar somente em seu lar [...] Com ampla liberdade, minha mãe dançava e passava as noites com os amigos, e foi ficando inebriada com as carícias dos seus amigos de bangulê (JESUS, 2007, p. 82).

Observa-se na citação acima que a mulher era tida para cuidar do lar e do seu esposo, uma mulher que não cumprisse com essa regra era mal vista pela sociedade. Entretanto, a mãe de Bitita passou a ser a chefe da família, uma missão quase impossível para uma mulher naquele período de 1914, no qual o responsável em manter o lar familiar era sempre do homem, enquanto à mulher cabia o cuidado da casa e os filhos. Vale ressaltar que nesse trecho a figura da mulher negra é bastante ressaltada, na qual ela é apontada como uma mulher livre e independente que saía para trabalhar ia à festa e volta à hora que quisesse.

O pai de Bitita também aparece em seus relatos com características positiva, no qual, mais uma vez a beleza do negro é ressaltada, quando Bitita se refere ao pai como um homem muito bonito, além de ser apresentado como poeta.

Vale destacar que em alguns momentos, Bitita se remete à fase de quando tinha apenas quatro anos de idade. Mesmo assim, sobressai a inteligência, a sabedoria e a resiliência, uma fase de descobertas, na qual o mundo é analisado em duas etapas: 1) a sua ótica, enquanto criança que brinca e se diverte; 2) a ótica do mundo adulto, no qual a maioria das vezes eles aparecem como incógnitas. Dessas duas visões, os negros são os personagens principais, o papel da leitura, o analfabetismo: “Eu notava que os pretos não sabiam ler. Nunca vi um livro nas mãos de um negro. Os negros não serviam no exército porque não eram registrados, não eram sorteados” (JESUS, 2007, p. 147).

A menina Carolina nota que o sistema brasileiro dava pouca relevância aos negros na sociedade, ela passar analisar que a discriminação e racismo são os principais fatores que os afastam de uma vida melhor. E, de certa forma sente a necessidade de ver negros intelectuais, advogados, professores, médicos e leitores, vendo as situações que eles levavam, sem oportunidade de crescimento, mesmo assim ela sonha conquistar uma vida diferente:

Tinha uma negrinha Isolina que sabia ler. Era solicitada para ler as receitas. Eu tinha uma inveja da Lina! Eu pensava: Ah! Eu também vou aprender a ler se Deus quiser! Se ela é preta aprendeu a ler, por que é que eu não hei de aprender?

Ficava duvidando das minhas possibilidades porque os doutores de Coimbra diziam que os negros não tinham capacidade [...] (JESUS, 2007, p. 50).

A negra Isolina é identificada como uma referência para Carolina, o fato de ver uma negra lendo era orgulho e incentivo para ela que também ansiava pela leitura e a escrita. A menina Carolina admirava, desejava aprender a ler igual à negra Isolina,

um reflexo a incentivá-la a criar coragem e também ter uma vida diferente aos dos negros naquele período. Desse desejo vai surgindo o interesse pelo universo da leitura e da escrita. Há desse modo, o desejo e uma necessidade de se tornar uma grande estudiosa, mas o que a desanimava era o complexo de inferioridade que os doutores de Coimbra tinham dos negros.

Sempre atenta, curiosa, destemida e inteligente, Bitita não poderia deixar de frequentar a escola, esse bem precioso, no qual os professores só aceitavam os negros por imposição. Astuta e observadora, a menina Carolina foi se transformando.

Ao iniciar a vida escolar, deparou-se com a discriminação racial e se superou diante da professora Maria Leite que, de certa forma, tinha interesse em ensinar os alunos negros, utilizando a repressão em sala de aula. A professora demarca bem o porquê da sua dedicação:

— Eu sou francesa. Não tenho culpa das odisseias de vocês; mas eu sou muito rica, auxilio vocês porque tenho dó. Vamos alfabetizá-los para ver o que vocês nos revelam: se vão ser tipos sociáveis e tendo conhecimento poderão desviar-se da delinquência e acatar a retidão (JESUS, 2007, p. 150).

Fica evidente a visão racista da professora e seu olhar paternalista, como se a “retidão” dos negros dependessem da sua benevolência, do seu favor, na condição de branca de origem europeia. Em outra fala a professora atribui aos negros a exclusão sofrida, se isentando da responsabilidade sobre a desigualdade existente. Na verdade, só um branco não é o culpado das opressões impostas na sociedade, mas esses mesmos brancos fazem parte de um grupo eurocêntrico que mantém privilégios graças à exploração de grande parcela da sociedade.

A relação de Bitita e a escola é algo tenso, principalmente porque a escola é um espaço estranho, nos quais os alunos brancos sempre ignoram os alunos pretos, os identificando como inferiores. Também sua relação inicial como a professora que gera

um conflito, não somente por ela estar em um espaço diferente, mas pelo fato de ela ainda mamar:

- Então a senhora não tem vergonha de mamar?
 - Não tenho!
 - A senhora está ficando mocinha, e não vai ter tempo disponível para mamar porque necessita preparar as lições. [...]
- Está ouvindo-me, dona Carolina Maria de Jesus?
Fiquei furiosa e respondi com insolência:
Meu nome é Bitita.
— O teu nome é Carolina Maria de Jesus.
Era a primeira que eu ouvia alguém pronunciar meu nome (JESUS, 2007, p. 151).

Mas esse conflito é algo passageiro na vida de Bitita, mesmo tendo levado a pequena a odiar a escola inicialmente, mas, a partir do momento que ela passa a ler, a escola se torna indispensável em sua vida. A leitura foi à descoberta mais eficaz para a vida da menina que passou a compreender melhor o mundo. Sua curiosidade e olhar crítico foram se ampliando muito mais. Logo, começa a re/descobrir o mundo ao ler tudo o que estava à sua volta, a exemplo dos nomes de lojas, “Casas Brasileiras, Armond Goulart”, os escritores brasileiros, tudo que pertencia ao Brasil, “Farmácia Modelo”. Com isso, Bitita chega furiosa em casa à procura de um livro para fazer novas leituras e, diante da sua fúria, a mãe lhe pergunta se estava louca:

- [...] Mamãe assustou-se. Interrogou-me:
 - O que é isto? Está ficando louca?
 - Oh! Mamãe! Eu já sei ler! Como é bom saber ler!
- Vasculhei as gavetas procurando qualquer coisa para eu ler. A nossa casa não tinha livro. Era uma casa pobre (JESUS, 2007, p. 154).

Observa-se a felicidade de uma criança ao ganhar um dos melhores presentes: a capacidade de decifrar o mundo ao ler: “[...] Eu lia o livro, retirava a síntese. E assim fui duplicando o meu interesse pelos livros. Não mais deixei de ler. “Passei a ser uma das primeiras alunas da classe” (JESUS, 2007, p. 154).

Mas Bitita só consegue estudar a segunda série do primário, pois aparece um homem na cidade à procura de uma mulher para viver com ele no campo, perguntou a sua mãe que aceitava casar com ele, ela aceitou e, com isso Bitita foi obrigada abandonar a escola: “[...] Foi com pesar que deixei a escola. Chorei porque faltavam dois anos para eu receber o diploma” (JESUS, 2007, p. 157).

São essas e outras aflições da menina Carolina, sob a ótica de Bitita, uma importante referência de resistência para a comunidade negra que, apesar de ter sofrido as consequências da violência, do racismo, do machismo e da fome, foi capaz de se superar, aprender a ler, escrever e comover vários leitores no Brasil e no Exterior.

CONCLUSÃO

Espero que este trabalho possa contribuir de algum modo para os leitores, que eles percebam através do *Diário de Bitita*, os traços positivos dos negros por ela abordados e a capacidade de superação. Esses são alguns indícios que trata um livro, podendo contribuir para a ressignificação da identidade negra. Há pobres, há problemas sociais, há exploração, há afetividade nos enlances familiares e há, também, a resistência negra através da protagonista, a menina Carolina, a pequena Bitita e demais personagens que fazem parte do seu Diário.

O *Diário de Bitita*, diante do que evidenciei no presente texto, pode ser abordado na sala de aula para refletirmos sobre as complexas relações étnico-raciais, observando o impacto do racismo e, também, alguns caminhos para enfrentá-lo.

Ao pesquisar sobre o *Diário de Bitita* de Carolina Maria de Jesus, expressamos a nossa impressão sobre a Menina Carolina apresentada por Bitita, as suas inquietações, curiosidades e a inteligência que sobressai no livro. Prevalece, a nosso ver, a afirmação e a valorização da identidade negra, a problemática do racismo, da fome, a resiliência, resistência de Bitita e outros personagens por ela mencionados.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Cia da Letras, 1992.
- BROOKSHAW, David. *Raça e cor na Literatura Brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- DANTAS, Audálio. Prefácio. In: Jesus, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.
- EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza et al. (Org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: UFPB, 2004. p. 201-212.
- FERNANDEZ, Raffaella Andréa. Vários “Prólogos” para um Journal de Bitita/ Diário de Bitita ou Por que editar Carolina? *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 18, n. 35, p. 285-292, 2º sem. 2014. Acesso em: 08 abr. 2017.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: o diário de uma Favelada*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. 200p.
- SANTOS, Marcela Ernesto dos. *Mulher e negra: as memórias de Carolina Maria e Maya Angelou*. Assis: UNESP, 2009. Dissertação, p. 21
- SANTOS, Marcela Ernesto dos. *A OPRESSÃO FEMININA EM DIÁRIO DE BITITA*. II Colóquio da Pós-Graduação em Letras UNESP, 2017.
- SILVA, José Carlos Gomes da. Memórias da infância e juventude em Carolina Maria de Jesus (1914-1977), *ponto-e-virgula*, 2: 97-112, 2007.
- SOUSA, Germana Henriques Pereira de. *De Bitita a Carolina: o destino e a surpresa*, v. 24, p. 299-313, 2007.